Fundação Getulio Vargas **Veículo:** O Globo Online - RJ **Data:** 02/09/2020
Tópico: FGV Social **Página:** 11:00:00 **Editoria:** Economia

Pandemia aumenta a concentração de renda e cria obstáculo à recuperação do setor de serviços (Atualizada)
Clique aqui para ver a notícia no site

Quase 30% do rendimento total das famílias estão em 3% dos lares. Com incerteza, mesmo quem conseguiu manter orçamento tende a poupar e reduzir o consumo

Restaurante em Botafogo, na Zona Sul do Rio, esvaziado na reabertura comercial. Com a pandemia, famílias gastam menos com serviços fora e poupam mais Foto: Fabiano Rocha / Agência O Globo/11-7-2020

RIO - A elevada concentração de renda pode ser mais um obstáculo para a retomada da economia. Segundo estimativas da Consultoria Tendências, 29,8% da renda total das famílias estão concentrados em apenas 2,9% dos lares brasileiros, que tendem a poupar mais em momentos de incerteza nas alturas como agora.

Tanto a poupança como os fundos de investimento acumulam captações este ano, desviando dinheiro dos serviços, que representam a parte mais expressiva das despesas dos mais ricos. Os mais pobres tendem a concentrar seu consumo em itens básicos, por falta de recursos.

As classes D e E representam 55,9% dos domicílios, mas só ficam com 28% do total dos rendimentos. Mais da metade das famílias mais pobres ficam com menos que as 3% mais ricas.

— Parte da renda das classes mais altas está indo para o investimento. Os dados dos últimos meses mostram crescimento da poupança, em parte vindo do auxilio emergencial, mas outros tipos de investimento também estão crescendo, como CDB, previdência privada, Bolsa de valores. A grande questão é o quanto dessa poupança vai virar consumo mais à frente —afirma Lucas Assis, economista da Tendências.

As captações tanto da poupança quanto dos fundos estão de vento em popa. Em julho, os depósitos superaram os saques na caderneta de poupança em R$ 28 bilhões. No mesmo mês do ano passado, o sinal era o inverso: os resgates ultrapassaram as aplicações em R$ 1,6 bilhão.

A apreensão sobre o futuro, com analistas desenhando um cenário de desemprego cada vez mais alto, faz recuar o consumo mesmo das pessoas que conseguiram manter seus ganhos do trabalho na pandemia ou têm outras fontes que não foram afetadas.

Editoria de Arte Foto: .

O distanciamento social também está impedindo que as pessoas gastem com restaurantes, viagens, teatro, lazer em geral, consumo mais ligado a quem tem renda mais alta.

— Em momentos de incerteza como agora, as pessoas reduzem a consumo. As captações dos fundos de investimento em geral estão em alta. Uma parte dessa poupança é de quem não está conseguindo consumir — afirma o professor do Insper Michael Viriato, também sócio da Casa do Investidor.

Ele continua:

— Gasta-se 20% do orçamento com transporte, e as pessoas estão mais em casa, a mesma coisa com a alimentação fora de casa. Aquelas que estão recebendo rendimento não estão conseguindo gastar como gastavam antes. É uma economia quase forçada

Os serviços são os que mais sofrem, tanto pelo fechamento imposto pela pandemia, quanto pelo consumo menor de parcela da população que mantém renda para continuar comprando. Os serviços só voltaram a crescer em junho, 5% na comparação com maio, após quatro meses em queda. Ainda estão funcionando 14,5% abaixo do que em fevereiro.

— A gente sabe que o impacto do rendimento dos mais ricos no varejo é mais nos serviços. Nos domicílios das classes mais baixas, a maior parte da renda é destinada aos bens essenciais. No topo da pirâmide, nas classes A e B, a participação desses bens é proporcionalmente menor — afirma Assis, da Tendências.

A dúvida, segundo Assis, é se essa poupança de agora, até certo ponto forçada, vai ser dirigida para o consumo no futuro:

— A reação do consumo por parte das classes de renda mais alta pode ser limitada pelas elevadas incertezas. Houve aumento no número de falências e recuperações judiciais, e grande parte dos empresários está na classe A.

O diretor da FGV, Marcelo Neri, lembra, que nos Estados Unidos, o economista de Harvard Raj Chetty, que trabalha com gigantescos bancos de dados de cartões de crédito e de mercado de trabalho por endereço, notou que, nos bairros mais ricos, o faturamento das empresas caiu 70%. Nos mais pobres, a queda foi de 30%. O declínio dos gastos foi maior em restaurantes, hotéis, bares e serviços que exigem contato pessoal:

— Mesmo nos lugares que reabriram a economia, que diminuíram o isolamento, não tiveram crescimento maior.